

## Futebol e representações sociais na escola<sup>1</sup>

A incorporação pela Educação Física dos debates estabelecidos na educação brasileira acerca das teorias críticas e pós-críticas, aliada à produção na área acadêmica, propiciou a rediscussão das concepções de currículo até então existentes. As críticas focaram a função social da educação e da Educação Física, visto que o desenvolvimento da aptidão física e esportiva, tão comum nas aulas, contribuía para o caráter reprodutor, na escola, de uma sociedade capitalista marcada por diferenças injustas de classe. O diálogo da área de Educação Física com essas teorias possibilitou compreender o currículo não simplesmente como conceitos técnicos – como os de ensino e eficiência – ou de categorias psicológicas – como as de aprendizagem e desenvolvimento. Como afirmou Silva (2007):

O currículo tem significados que vão muito além daqueles aos quais as teorias tradicionais nos confinaram. O currículo é lugar, espaço e território. O currículo é relação de poder, é trajetória, viagem e percurso. O currículo é texto, discurso e documento. O currículo é documento de identidade. (p. 150)

Com a contribuição do campo teórico denominado Estudos Culturais, percebemos que o currículo é uma construção social e que, portanto, não pode ser compreendido sem a análise das relações de poder que o engendram. Assim, o debate curricular atual da área de Educação Física passa pela questão da centralidade da cultura e sua influência nas práticas sociais da escola. Atentos a esse debate,

<sup>1</sup> Trabalho desenvolvido pela Profa. Rose Mary Marques Papolo Colombero na EMEF Synésio Rocha e comentado pela Profa. Lílian Cristina Gramorelli.

Neira e Nunes (2006) entendem que uma proposta curricular de Educação Física deve pautar-se numa perspectiva cultural na qual o currículo apropria-se das formas de produção cultural das práticas sociais presentes nos diversos contextos, regiões e culturas.

Na tentativa de ampliar a reflexão pedagógica na área de Educação Física, propomos a leitura do relato de prática realizado na perspectiva dos Estudos Culturais, intitulado “Futebol e Representações Sociais na Escola”, cujo objetivo foi problematizar um esporte muito comum em nossa cultura, sobretudo como tema historicamente desenvolvido nas aulas do componente curricular.

O caminho organizado pela Profa. Rose Colombero no seu trabalho na EMEF Synésio Rocha, decorrente do processo de ensino e aprendizagem instaurado naquele momento, desdobrou-se na problematização das questões de gênero, identidade e poder que envolveram o futebol nas aulas. A questão das identidades e das formas como elas são representadas no currículo configuram-se como o centro das análises dos Estudos Culturais, como salientam Neira e Nunes (2009):

O que interessa saber é como as identidades foram produzidas e como as representações que fazem delas as afetam e as imobilizam. O que importa saber é como os discursos e as práticas atuam, para que os sujeitos assumam certas posições no sistema social, e como esses discursos e práticas constroem os sujeitos sobre os quais se pode falar. (p. 200)

Assim, após a realização de um mapeamento da cultura corporal dos alunos em consonância com o projeto educativo da escola, a professora, por meio de uma prática dialógica, plane-

jou o trabalho didático. Objetivou, como base que fundamenta essa concepção, a ação sobre aquela realidade através da problematização das situações e acontecimentos dentro de um contexto e em sua totalidade, utilizando para isso, os conhecimentos presentes na experiência sociocultural dos alunos.

As questões de gênero e de identidade manifestadas nas aulas e observadas pela professora, foram trazidas para serem questionadas e analisadas, ou seja, tornaram-se, naquele momento, objeto de estudo do grupo de alunos. Esse fato nos chamou a atenção, pois, historicamente, essas diferenças quando apareceram nas aulas, comumente foram ignoradas ou encobertas com práticas que reforçavam hierarquias e acentuavam a produção das diferenças. Tornando essa questão como objeto de estudo, a professora buscou criar estratégias de reflexões e análise para que os alunos percebessem a construção social e cultural que está por trás das representações que temos e da produção das diferenças.

Assim, após constatar que existiam nos discursos dos alunos os binarismos relacionados à questão de gênero e de identidade branco/negro e heterossexual/homossexual – com a manifestação de preconceito, coube à professora indagar-se sobre qual o papel da Educação Física e da escola na constatação e construção dessas representações preconceituosas. Esses apontamentos foram desencadeadores para o redirecionamento das aulas, replanejamento da ação pedagógica e intervenções subsequentes.

Na tentativa de veicular diferentes textos e opiniões sobre o tema, a professora utilizou, como estratégias de aulas, textos jornalísticos, pesquisas e discursos televisivos com a emissão de opiniões de pessoas que assumem diferentes papéis sociais em

nosso meio. Para os Estudos Culturais, os discursos veiculados produzem efeitos que podem ocorrer com a imposição de identidades de certos grupos culturais em detrimento de outros. No presente relato, pudemos observar que a problematização esteve presente na tentativa de desconstruir as representações que os alunos tinham acerca das questões de gênero e da produção das identidades no futebol.

A partir da leitura do relato e dos apontamentos realizados, que poderão ser ampliados com os questionamentos que o próprio leitor fará ao ler o texto, acreditamos que este contexto abordado possibilitará um convite à reflexão da prática educativa da Educação Física.

## **Desenvolvimento**

A EMEF Ministro Synésio Rocha é uma escola de Ensino Fundamental que atende alunos na faixa etária de 6 a 14 anos e a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Geograficamente, a escola está situada na zona sul, bairro do Campo Limpo, região populosa da cidade de São Paulo. Em função da demanda, a escola funciona em quatro períodos e as aulas de Educação Física são ministradas no contraturno das aulas regulares.

No início de 2010, os professores, em horário coletivo após avaliação do ano de 2009, constataram que a falta de interesse por aprender e a falta de respeito entre os atores da comunidade escolar eram os maiores problemas para o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Sendo assim, ficou definido trabalhar os seguintes temas no Projeto Pedagógico: Respeito, Ética, Cidadania e Valorização do Conhecimento.

Atenta a esses temas, percebi que parte dos alunos(as) frequentavam as aulas de Educação Física com a camisa do seu time de futebol preferido. A partir dessa observação, realizei uma pesquisa – que gerou grande interesse entre todos – com duas turmas de 3º ano (7ª série) e quatro turmas do 4º ano (8ª série) do Fundamental II, perguntando para quais times torciam. Obtive como resposta São Paulo Futebol Clube, Corinthians, Palmeiras, Santos e Flamengo. A partir desta constatação, considerei a manifestação corporal futebol pertinente para desenvolvimento, articulando-a aos temas do projeto da unidade escolar.

Iniciei uma roda de conversa com as turmas, anunciando o futebol como manifestação a ser estudada. Numa das classes, alguns alunos apresentaram resistência porque a turma era mista, alegando que, para essa prática, seria melhor que as meninas fossem em outro horário. Após a sugestão ter sido apresentada, propus que realizássemos uma votação para que prevalecesse a decisão da maioria.

Colocada em votação, a sugestão de separação das turmas entre meninos e meninas foi derrotada. Iniciamos, então, a discussão da proposta que não havia sido feita anteriormente para não influenciar as decisões na hora do voto. Perguntei-lhes por que para trabalhar com a manifestação futebol alguns achavam melhor dividir as turmas em masculina e feminina? Os que defenderam a proposta da divisão alegaram que as meninas não sabem jogar e atrapalhariam as aulas. É necessário salientar que neste grupo também havia o voto de meninas que concordaram com a alegação.

A maioria vencedora disse que, assim como nas outras áreas de ensino, a aula de Educação Física deveria acontecer com os

meninos e meninas juntos.

Por que será que os meninos de modo geral são mais habilidosos que as meninas no futebol? Quais são as influências que recebemos desde crianças que nos tornam diferentes para a prática dessa manifestação? Responderam que “as meninas brincam mais de casinha, boneca, mamãe e filhinha, fazer comidinha e os meninos brincam mais de bola, carrinho, videogame, de pipa”. Também costumam ouvir “isso é brincadeira prá menina”, “isso é brincadeira prá menino”. Disseram também que “quando uma menina é habilidosa e um menino não, sofrem preconceito por serem considerados diferentes”. Discutimos, a partir das respostas, como as relações entre meninos e meninas são construídas e representadas socialmente.

Problematizei como as mulheres e os homens são representados em nossa sociedade, levando em consideração a classe social, raça, etnia, sexo, a religião. Os alunos apresentaram dificuldades para participarem ativamente da discussão. Porém, ao estabelecer uma relação entre ricos/pobres, brancos/negros, homem/mulher, heterossexual/homossexual, rapidamente identificaram a subordinação dos pobres, negros, homossexuais e mulheres.

Perguntei-lhes se a escola também exercia alguma influência para essa representação e os alunos responderam que sim, pois, nas 7<sup>a</sup> séries (D e E) as turmas são divididas em masculina e feminina. Solicitei que passassem a observar as aulas de Educação Física do nível I que aconteciam simultaneamente às nossas e os alunos constaram que os meninos permaneciam dentro da quadra jogando bola e as meninas do lado de fora, ora jogando queimada,

ora brincando com perna de pau ou corda.

Para o mapeamento dos saberes sobre o futebol, organizei questionamentos como: É possível jogar futebol na escola? Qual esporte praticado na escola mais se assemelha ao futebol? Qual competição de futebol está acontecendo no momento que envolve equipes tradicionais (aquelas que surgiram como resposta à pesquisa feita com os alunos(as)) no Estado de São Paulo?

Os alunos responderam que, como se joga no campo, não é possível jogar na escola, mas que seria possível fazer algumas adaptações. Identificaram o futsal como o esporte praticado que mais se aproxima ao futebol, estabelecendo semelhanças e diferenças entre os mesmos. Relataram: “possuírem o mesmo objetivo que é fazer gol”, “pode-se fazer gol com a mesma parte do corpo”, “o uniforme é parecido, só difere a chuteira”, “falta na área é pênalti” “também é diferente o espaço utilizado, a gente joga futebol no campo e futsal na quadra”, “a trave no futebol é maior”, “a bola é maior”, “as regras em geral são diferentes, o número de jogadores no futebol são onze, no futsal são cinco”, “no futebol só pode haver três substituições e no futsal não tem limite”, “o tempo de jogo no futebol são quarenta e cinco minutos e no futsal sabemos que é menor”, “no futebol a cobrança de lateral é com as mãos, no futsal é com os pés”. Quanto ao campeonato em andamento, a grande maioria dos alunos respondeu: “Paulistão, Campeonato Paulista”. Informei que para o desenvolvimento do projeto futebol tematizaríamos este campeonato e sua organização.

Para de fato considerar o conhecimento dos alunos a respeito da manifestação a ser estudada, dei continuidade ao questiona-

mento. Ao indagar sobre o Campeonato Paulista, poucos sabiam sobre o regulamento, tabela e a classificação. Perguntei também o que mais havia chamado atenção na última rodada. Os alunos se manifestaram sobre a violência ocorrida no jogo entre Palmeiras e São Paulo Futebol Clube, em 21 de fevereiro de 2010.

Para ampliar o debate, apresentei dois textos jornalísticos com as seguintes manchetes: “Um morto e muitos feridos após brigas entre torcida” e “Pela cidade brigas por todos os cantos”<sup>2</sup>. No último texto, discutimos a opinião do promotor de justiça que defendeu torcida única nos clássicos paulistas. A maioria dos alunos discordou da torcida única, mas concordou com a fala do promotor ao dizer que alguns não são torcedores, são maus elementos predispostos ao confronto.

Nessas discussões, como previsto, havia uma participação maior por parte dos meninos. Provoquei a turma acerca desta questão. Os meninos relataram que discutem mais sobre futebol, praticam mais e estão sempre mais informados. A maioria das meninas disse que não valoriza o futebol tanto quanto os meninos. Apresentei para os alunos a ideia de que culturalmente vamos aprendendo valores, assumindo papéis e comportamentos.

As crianças quando chegam à escola sabem a que sexo pertencem, que roupa devem usar, que comportamento ter, do que devem gostar (cores, brincadeiras, jogos...) enquanto meninas e meninos “normais”. E sabem, também, que somente dessa forma serão aceitos perante seu grupo social.

Para a vivência do futebol na quadra retomamos alguns

<sup>2</sup> Caderno de Esportes do jornal “O Estado de São Paulo”, 22/02/2010.



conhecimentos do futsal adquiridos/construídos/discutidos/apreendidos por duas turmas no ano anterior, como as posições e suas funções em quadra, e algumas regras. Foi adaptado o número de jogadores em quadra e nas posições, assim como as regras para uma aproximação maior com o futebol. Numa das turmas, enquanto um grupo fazia um jogo misto, outro registrou “... as meninas não estão se movimentando, só os meninos”, “... elas precisam se movimentar mais”, “... elas precisam se movimentar para receber a bola...” até que um dos meninos sugeriu - “... então precisamos tocar para elas”.

Na semana de 08 a 12/03/10 os alunos foram divididos em grupos e, em sala, realizaram análises e interpretações da tabela de classificação do campeonato na 13ª rodada, do texto do Caderno de Esportes do jornal O Estado de São Paulo de 8 de março de 2010. Com as seguintes questões:

- 1ª) O que significa série A1?
  - 2ª) Quantas equipes participam do Campeonato Paulista série A1?
  - 3ª) Abaixo da classificação existem duas legendas:
    - O que significa a coluna mais clara (verde)?
    - O que significa a coluna mais escura (vermelha)?
  - 4ª) A equipe que vocês analisarão é:.....
- Completem os dados da sua equipe e o significado de cada sigla:
- PG: .....-.....
- J: .....- .....
- V: .....-.....
- E: .....- .....

- D: ..... -.....  
GP: ..... -.....  
GC: ..... -.....  
SG: .....-.....
- 5ª) Portuguesa, Ituano e Barueri possuem a mesma pontuação ( 19 ), por quê estão em 7º, 8º e 9º lugares respectivamente?
- 6ª) Quantos resultados aparecem na última rodada?
- 7ª) Qual jogo falta acontecer para completar a 13ª rodada?
- 8ª) Quantos jogos acontecerão na próxima rodada?
- 9ª) O que significa ser artilheiro de uma competição? Quem é o artilheiro nesta fase e com quantos gols?
- 10ª) Qual o significado de “clássico” no futebol?
- 11ª) Qual jogo ou jogos da próxima rodada são considerados clássicos?

Ao socializarmos a atividade, as questões 4, 5 e 10 geraram grandes discussões. Na questão 4, ao tentarem interpretar a sigla GP (gols pró) e GC (gols contra), a maioria dos alunos identificava os resultados, mas não tinham familiaridade com as siglas, respondendo gols feitos”, “gols a favor”, “gols tomados”, “gols sofridos”. Muitos não responderam a questão 5, dizendo que “os resultados estão diferentes”, “os gols feitos e os gols tomados são diferentes”. Na questão 10, algumas hipóteses não se confirmaram, como “quando as equipes são do mesmo Estado”, “quando os quatro times mais fortes de um Estado se enfrentam”. Pude verificar que, em sua maioria, os alunos conheciam muito pouco sobre o Campeonato Paulista.

Na semana que antecedeu a 16ª rodada do campeonato, os

alunos foram divididos em quatro grupos. Cada grupo escolheu uma equipe do G4 (as quatro equipes que estão em primeiro lugar na tabela, pertencentes à zona de classificação para a segunda fase do campeonato) para análise – nos jogos televisionados, jornais esportivos, pesquisas na internet e nos textos jornalísticos expostos no cantinho do futebol<sup>3</sup> – do sistema tático utilizado pelos técnicos nesta rodada.

Após a análise, os alunos trouxeram um trabalho escrito com o nome do campeonato, a rodada, o adversário, a escalação, o resultado do jogo e um desenho do campo, identificando o sistema tático utilizado. Para a aula expositiva, utilizamos tabuleiro e jogos de botão. Os alunos demonstraram o sistema tático indicando o nome do jogador, sua posição e a função da posição. Os grupos que analisaram o segundo colocado do campeonato (Santo André) tiveram dificuldade em encontrar informações em textos jornalísticos, precisando recorrer à Internet. Deduziram que times mais famosos como o Palmeiras, por exemplo, mesmo fora do G4, trazem mais leitores para os jornais. Nas exposições nem todos sabiam as posições que definiam um sistema, alguns grupos demonstraram o sistema do seu time utilizado nesta rodada como solicitado, assim como outro sistema utilizado pelo mesmo time em rodadas anteriores.

Um desentendimento entre alguns torcedores e o jogador Ronaldo do Corinthians, após a derrota para o Paulista, antecipou a discussão sobre ídolos no futebol. Após definirmos o conceito de ídolo, muitos exemplificaram os goleiros Rogério Ceni do SPFC, Marcos do Palmeiras, o jogador Neymar do Santos e o mais citado, 3 Cantinho do Futebol: espaço destinado para textos jornalísticos de futebol.

Ronaldo do Corinthians.

Questionei se os ídolos influenciavam na vida dos torcedores e vice-versa. Os alunos lembraram quando garotos menores fizeram cortes de cabelo iguais aos de Ronaldo em 2002, assim como na atualidade, a influência do jogador Neymar do Santos com seu cabelo e suas “dancinhas” feitas ao comemorar os gols.

Na oportunidade, levei a matéria “Ronaldo se irrita e mostra dedo do meio para torcedores” e “O técnico Mano Menezes não se surpreendeu com o fim da idolatria de alguns torcedores por Ronaldo”<sup>4</sup>. Alguns alunos defenderam a postura do jogador argumentando que ele é um ser humano como outro qualquer, outros acharam que, como pessoa pública, ele jamais poderia ter tomado aquela atitude. Concluímos que a relação entre os ídolos e a torcida é muito próxima tanto na vitória quanto na derrota.

Na semana da última rodada da 1ª fase do Campeonato Paulista, foi colado no cantinho do futebol um texto jornalístico da Folha de São Paulo com a última rodada que aconteceria em 07/04/10. Perguntei por que todos os jogos da última rodada iriam acontecer no mesmo dia e horário? Em todas as turmas, houve a manifestação de alunos que explicavam aos outros sobre resultados combinados tanto para a classificação para a 2ª fase, quanto para o rebaixamento.

Considerando as relações de gênero apontadas no início do projeto e a organização de um campeonato, os alunos foram convidados a dar um nome para a prática do futebol adaptado para a realização do torneio interclasses. Retomando o regulamento do Campeonato Paulista, algumas regras foram mantidas, outras

<sup>4</sup> O Estado de São Paulo, 26/03/2010.

adaptadas e criadas, como a obrigatoriedade da participação de duas jogadoras (em rodas de conversa para sugestões das regras, surgiu a obrigatoriedade da participação de duas alunas, como forma de garantir a participação das mesmas, sendo aprovado pela maioria). O torneio recebeu o nome de “FUSBOL” e foi dividido em três fases (1ª fase, semifinal e final) totalizando nove rodadas, com dezenove jogos.

A tabela foi exposta num grande mural, juntamente com algumas regras. Foi obrigatória a participação de toda a classe. Os alunos que não participavam do jogo atuavam como técnicos, fazendo observações e, durante o intervalo para o 2º tempo, davam as instruções aos colegas. Alguns alunos foram mesários fazendo a súmula. Foi registrada em quadro branco a classificação, nos moldes do Campeonato Paulista, e a cada rodada eram alterados os resultados, inclusive com a artilharia masculina e feminina.

Na final, duas classes que não haviam se classificado tiveram como trabalho de campo a realização de súmulas, com o objetivo de também participarem das finais, registrando os dados do jogo e observando as relações que aconteceram.

Na avaliação escrita sobre o torneio, os alunos registraram: “Achamos bem legal a participação das meninas e os meninos deixarem as meninas jogarem, o que é raro aqui na escola. As pessoas que não jogaram ficaram de técnicos”. “Foi ótimo a inclusão das meninas nos jogos, porque foi uma relação importante para o desenvolvimento da escola num todo.” “Foi uma experiência interessante jogar com as meninas no time, mas ao mesmo tempo foi difícil”. “O torneio foi muito bom, teve a participação de todos, até das meninas que nunca jogaram, teve muita rivalidade entre as

salas, os meninos querendo ser artilheiros e as meninas querendo fazer seus gols". "Foi a primeira vez que jogamos com os meninos sem preconceitos". "Os jogos foram ótimos sem brigas, as torcidas foram boas", "foi legal as meninas jogarem, as salas se respeitaram", "Tá na hora da gente ter o nosso campeonato".

As ações avaliativas deram-se durante todo o projeto, a partir do mapeamento dos saberes sobre a manifestação e sobre o Campeonato Paulista, das observações e discussões das relações (gênero), da prática da manifestação, da produção da leitura, escrita e reflexão.

### **Considerações**

Ao problematizar a manifestação futebol, emergiram questões que nos possibilitaram tematizar representações sociais acerca do masculino e do feminino nas aulas de Educação Física e como essas relações – muitas vezes carregadas de opressão, submissão e preconceito – se davam dentro dos espaços físicos da escola e nas vivências da manifestação futebol de forma naturalizada.

Foi possível apreender que o processo de “desnaturalização” apresentado nesse relato, a partir da prática pedagógica desenvolvida, não é fator comum que se concretize nas aulas de Educação Física, pois suscita o rompimento de paradigmas existentes, construídos social, cultural e historicamente na área. Ratifica assim, reflexões produzidas sobre o ato educativo que revelam a não neutralidade do currículo. Para Silva (2007):

O currículo não é, pois, um meio neutro de transmissão de conhecimento ou informações. O currículo tampouco é meramente um processo individual de construção

no sentido psicológico-construtivista. Ao determinar quem está autorizado a falar, quando, sobre o quê, quais conhecimentos são autorizados, legítimos, o currículo controla, regula, governa. (p.202)

Assim, a vivência do processo de desnaturalização que compôs o currículo desenvolvido pela Professora Rose está associada às questões de poder e regulação, vejamos as questões que ela direciona aos alunos: Por que para trabalhar com a manifestação futebol alguns achavam melhor dividir as turmas em masculina e feminina? Por que será que os meninos de modo geral são mais habilidosos e as meninas menos no futebol, quais são as influências que recebemos desde criança que nos tornam diferentes para a prática dessa manifestação?

Compreender o currículo desta forma exige a constante percepção da tensão existente entre os elementos internos das decisões sobre o currículo com as questões postas pela relevância daquilo que socialmente estava estabelecido, fatores que observamos na leitura de outro trecho do relato: Discutimos, a partir das respostas, como as relações entre meninos e meninas são construídas e representadas socialmente.

Entender o currículo pressupõe apreendê-lo como um objeto em disputa, talvez seja a senha para compreendermos como toda questão que interfere no currículo - de uma escola, de um nível de ensino, de uma disciplina - requer um cuidado para não se cair nas armadilhas postas pelas disputas de poder que o objeto apresenta.

Tal acuidade é necessária, pois devemos lembrar que as proposições de mudanças na área de Educação Física nascem também de uma proposição curricular, fato desvelado em estudo

sobre os impactos dos Parâmetros Curriculares Nacionais nas práticas docentes. Conforme estudos de Gramorelli (2007):

Desta forma, não se objetiva formar alunos fisicamente aptos, ou atletas, ou desenvolver capacidades físicas que auxiliem no desempenho e eficiência motora. A Educação Física vista por esses documentos, pretende contribuir, como as demais disciplinas da escola, com a formação do indivíduo que possa inserir-se na sociedade, de maneira que consiga atuar como cidadão, consciente de seus direitos e deveres, e acima de tudo, saiba posicionar-se frente os diversos contextos da sociedade.(p.88)

No relato apresentado sobre o futebol e nas representações dos alunos acerca desta temática, há indícios de que houve a ampliação da leitura dos códigos da manifestação da cultura corporal como também o aprofundamento da temática. Vejamos, pois, o trecho do relato que, após a problematização sobre as questões de gênero e o esporte futebol, os alunos indicaram: A maioria das meninas disse que não valorizam o futebol tanto quanto os meninos, salvo algumas exceções. Concluímos que culturalmente vamos aprendendo valores, assumindo papéis e comportamentos.

Em outro fragmento do texto ressaltamos: Ao tematizar a manifestação futebol, emergiram questões que nos possibilitaram problematizar representações sociais acerca do masculino e do feminino nas aulas de Educação Física e como essas relações – muitas vezes carregadas de opressão, submissão e preconceito – se davam dentro dos espaços físicos da escola e nas vivências da manifestação futebol de forma naturalizada.



Percebemos que o desenvolvimento do projeto, ao dialogar com a questão sociocultural que envolve a temática Futebol, possibilitou novos olhares para essa manifestação cultural. Desta maneira, concordamos com Forquin (1993) quando ressalta que é importante que o pensamento pedagógico contemporâneo não se esquive de uma reflexão sobre a questão da cultura e dos elementos culturais dos diferentes tipos de escolhas educativas, sob pena de cair na superficialidade. A cultura é o conteúdo substancial da educação, sua fonte e justificação última: a educação não é nada fora da cultura e sem ela.

### Referências Bibliográficas:

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

GRAMORELLI, L. C. **O Impacto dos PCN na Prática dos Professores de Educação Física**. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da USP. São Paulo:FEUSP, 2007.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Pedagogia da cultura corporal: crítica e alternativas**. São Paulo: Phorte, 2006.

\_\_\_\_\_. **Educação Física, Currículo e Cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática

SILVA, T. T. (org.) **Alienígenas na sala de aula:** introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Documentos de Identidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.